

Thies Christophersen

A Mentira de Auschwitz

Propaganda de Atrocidades contra a
Alemanha



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Thies Christophersen

A Mentira de Auschwitz

Propaganda de Atrocidades contra a Alemanha



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

A DOENÇA DO NOSSO TEMPO.....	4
PREFÁCIO DO ADVOGADO MANFRED ROEDER.....	6
ESTE RELATÓRIO FOI ESCRITO PARA OS ALEMÃES QUE AINDA NÃO PERDERAM A FÉ	13
KOK SAIGIS.....	16
A VIDA DO ACAMPAMENTO.....	19
OLGA.....	23
CAMPO DE EXTERMÍNIO?.....	25
O QUE ACONTECEU EM DACHAU? A MENTIRA DOS 238.000 ASSASSINADOS NOS FORNOS CREMATÓRIOS.....	34
DEMONSTRAÇÃO DE QUE A ACUSAÇÃO JUDAICA DE QUE HITLER GASIFICOU 6 MILHÕES DE JUDEUS É UMA GRANDE MENTIRA.....	46

A DOENÇA DO NOSSO TEMPO

A influência devastadora da propaganda torna difícil aos seres humanos, inclusive aos bem-intencionados, reconhecer e julgar os acontecimentos reais do curso contemporâneo dos fatos. Já o comprovamos nos últimos anos da Primeira Guerra Mundial e no período posterior.

“Em maio de 1945, poucos dias após o colapso, tive uma entrevista memorável com um importante representante do inimigo. Apresentou-se a mim como professor universitário de seu país, que desejava conversar comigo a respeito dos fundamentos históricos da guerra. Foi uma conversa de alto nível a que mantivemos. Repentinamente interrompeu a discussão, apontou para os panfletos que estavam diante de mim sobre a mesa, com os quais fomos inundados nos primeiros dias seguintes à capitulação e que tratavam principalmente das “atrocidades” dos KZ (Konzentrationslager)¹.

‘O que o senhor diz a isso?’, perguntou-me assim. Eu respondi: Oradour e Buchenwald? No meu caso, o senhor está arrombando portas abertas. Sou advogado e condeno a injustiça onde quer que a encontre, mas sobretudo quando é cometida do nosso lado. Mas sei distinguir entre os fatos e o uso político que deles se faz. Sei o que é propaganda de atrocidades. Depois da Primeira Guerra Mundial, li todas as publicações dos vossos peritos sobre essas questões, os escritos do Escritório de Northcliff, o livro do ministro das Finanças francês Klotz, Da guerra à paz, no qual descreve como foi inventada a história das mãos de crianças decepadas a golpes de machado e que proveito se tirou disso, os escritos esclarecedores da revista *Crapouillot*, que compara a propaganda de atrocidades de 1870 com a de 1914/18, e, por fim, o livro clássico de Ponsonby: A mentira na guerra. Nele se revela que, já durante a guerra passada, dispunha-se de oficinas nas quais se compunham montanhas de cadáveres artificiais por meio de fotomontagem com bonecas. Essas fotos eram distribuídas. A esse respeito, deixava-se em branco o texto da legenda. Mais tarde, ele era inserido conforme a necessidade, por telefone, por meio da Central de Propaganda.”

Ali se informava, a partir de uma Central, sobre as atrocidades alemãs. Procedia-se a isso segundo um determinado rodízio. Cabia a um território ocupado após o outro: hoje França, amanhã Noruega, depois Bélgica, Dinamarca, Holanda, Grécia, Iugoslávia e Tchecoslováquia, etc. A

1 Konzentrationslager: campos de concentração.

princípio eram centenas de mortos nos campos de concentração; depois, quando seis semanas mais tarde chegava novamente a vez do mesmo país, eram milhares, depois dezenas de milhares, depois centenas de milhares. Pensei então: ao milhão essa inflação de cifras não poderá chegar!”

Então peguei outro panfleto: “Aqui o senhor tem o milhão!”. Nesse momento, meu visitante já não pôde mais se conter: “Vejo que esbarrei em um conhecedor. Agora também quero dizer quem sou. Não sou nenhum professor universitário. Sou da Central da qual o senhor falou. Há meses pratico aquilo que o senhor descreveu com precisão: propaganda de atrocidades, e com ela obtivemos a vitória total”. Eu respondi: “Eu sei, e agora o senhor deve parar!”. Ele respondeu: “Não, agora é que estamos começando direito! Continuaremos com essa propaganda de atrocidades, nós a intensificaremos, até que ninguém mais aceite uma boa palavra a respeito dos alemães, até que seja destruído tudo o que eles ainda tenham, em outros países, em termos de simpatias, e até que os próprios alemães fiquem de tal modo confundidos que já não saibam mais o que fazer!”. Encerrei a conversa dizendo: “Então o senhor carregará sobre si uma grande responsabilidade!”.

Extraído do livro do Professor Dr. Friedrich Grimm: Politische Justiz die Krankheit unserer Zeit (A justiça política, a doença do nosso tempo), Verlag Bormer Universitäts Buchdruckerei Gebr. Scheur GmbH, Bonn, 1953.

PREFÁCIO DO ADVOGADO MANFRED ROEDER

“Fique, por amor de Deus, na luta contra a pornografia e a depravação dos costumes, mas não se misture na política. E para que ainda se ocupar do passado? Não será que o senhor quer justificar o nacional-socialismo ou negar os crimes do passado?”

Tais conselhos vieram de bons amigos quando, pela primeira vez, pus em relação as palavras Auschwitz e propaganda de atrocidades. E um pastor, honestamente preocupado, escreveu: “Devo dizer que a sua guinada em direção ao radicalismo político de direita me assustou um pouco. Mas o senhor continuará a ter a minha estima, pois o conheço.”

Alegrei-me com a confiança. Assustei-me com a constatação de que toda defesa da verdade e da justiça para a Alemanha é equiparada ao radicalismo de direita. Sim, como eu gostaria de deixar o passado em paz, se todas as partes prometessem solenemente um perdão e um esquecimento recíprocos, como se fez no tratado de paz após a Guerra dos Trinta Anos! Nada mais poderia ser tocado e perseguido. Em verdade, um mérito realmente heroico no espírito de Cristo!

Mas como as coisas se apresentam agora? Onde há perdão, onde há esquecimento, onde há cura? Somente da parte alemã, especialmente dos expulsos, oferecidos sempre de novo e confirmados pelos fatos. Mas o que faz o lado contrário?

O Governo do Reich alemão foi destituído ilegalmente. Oficiais alemães, que nada fizeram além de cumprir o seu dever e que, em sua conduta, eram imensamente superiores aos aliados, foram estrangulados de forma sádica, mas nem um único soldado ou guerrilheiro adversário foi levado à justiça por crimes de guerra. A jurisdição e a apuração da verdade alemãs foram impossibilitadas. Somente os vencedores puderam administrar justiça e escrever a história. Em todos os outros países foi imediatamente proibida a perseguição de crimes de guerra. Supostos atos de alemães, ao contrário, não só foram perseguidos da maneira mais brutal e com total desconsideração de todos os princípios jurídicos internacionais,

como também foi expressamente anulada a prescrição dos assim chamados crimes de guerra e de genocídio alemães, para que até o dia do juízo final se possa exercer vingança contra os alemães. Assim, guerrilheiros disfarçados transformaram-se em heróis populares, e os oficiais alemães que se defenderam contra eles, em criminosos de guerra.

O Governo Federal determinou que uma documentação de 14 volumes sobre crimes cometidos contra prisioneiros de guerra e civis alemães não fosse publicada e que deveria ser destruída. A primeira-ministra de Israel, Golda Meir, deixou agora claro, de forma inequívoca, que “relações completamente normais entre a Alemanha e Israel” nunca poderão existir. Como se pode deixar em paz um passado que é diariamente remexido novamente e utilizado contra o nosso povo?

Todas as escolas continuam difundindo as mentiras de atrocidades sobre os KZ. Assim, precisamente agora, realiza-se, sob o patrocínio do presidente de ministros de Hessen, uma exposição “KZ Sachsenhausen” em Wiesbaden, com mentiras propagandísticas há muito refutadas. Aluno após aluno é conduzido através dela para ler, horrorizado, que em Sachsenhausen teria sido construída em 1943 uma câmara de gás, apesar de já estar há muito comprovado que jamais existiram câmaras de gás em solo alemão. Com estremecimento lê-se que “dia e noite o odor adocicado de carne humana queimada” pairava sobre o campo. Apesar de que a Cruz Vermelha Internacional visitou regularmente os KZ até março de 1945 e jamais pôde constatar instalações de gaseificação ou de cremação, nem o tal odor adocicado.

Além disso, afirma-se que, no pátio de revista de Sachsenhausen, cada homem da SS tinha o “direito” de abater ou matar a golpes um prisioneiro! Lamentavelmente ocorreram crueldades, mas perpetradas quase exclusivamente pelos próprios detentos, os Kapos². Quando um homem da SS ou outro funcionário alemão cometia uma falta contra os presos ou contra sua propriedade, era levado perante um tribunal de guerra. Que interesse pode ter o presidente de ministros Osswald em patrocinar semelhantes falsidades contra a Alemanha? Toda a nossa juventude escolar

2 Prisioneiros encarregados da direção dos cativos

é envenenada com essas mentiras sobre seus pais, para que o ódio entre as gerações se torne abissal. Assim se destrói um povo, de acordo com a receita dos conspiradores mundiais. E nós, que sabemos melhor, haveríamos de calar? E aquele que ainda afirma que isso é cristão, aos meus olhos não passa de um infame covarde e canalha.

O ministro da Cultura de Hessen mandou que a judia Hannah Vogt escrevesse um livro sobre o passado da Alemanha, *Schuld oder Verhdnngnis* (Culpa ou Fatalidade), que já apareceu em sua 11ª edição e que é distribuído a todos os concluintes das escolas principais. Uma judia dificilmente estará em condições de julgar com objetividade o passado alemão. Mas esse livro é uma obra-prima de montagem da história e de propaganda de ódio com roupagem “científica”, de tal modo que pode ser colocado em pé de igualdade com o do agente do Komintern Willy Münzenberg, o mestre sem par do incitamento contra a Alemanha e da propaganda mentirosa, que gritava a seus colaboradores, quando haviam escrito um artigo contra a Alemanha: “Demasiado brando, demasiado objetivo! Cortem-lhes a cabeça. Façam com que o mundo fique de boca aberta de horror. Façam deles o fedor do mundo.

Faça com que os homens os amaldiçoem e se estremeçam de horror.”

Não existe nenhum documento que possa ser levado a sério que fixe as perdas totais da população judaica durante a última guerra em mais de 200.000. Em uma única noite em Dresden pereceram mais alemães indefesos e inocentes — crianças, mulheres, idosos e, sobretudo, feridos — do que judeus em todos os KZ durante a época nacional-socialista!!! E, dentro das perdas judaicas totais, estão incluídos até mesmo os casos de morte natural. Com isso, as perdas são percentual e absolutamente muito menores do que as de qualquer outra potência beligerante. E as organizações judaicas mundiais já haviam declarado à Alemanha, em 1933, a guerra santa até o completo aniquilamento, quando ainda não havia sido torcido um único fio de cabelo de nenhum judeu!!

E, no entanto, o mundo retumba com o clamor pelos judeus mortos. Mas nenhuma voz se levanta por Dresden e pelos realmente assassinados 6 milhões de alemães do Leste. Nenhuma voz se levanta pelos milhões de

prisioneiros de guerra alemães e europeus assassinados, que combateram ao nosso lado. Nenhuma placa proclama pelos 105.000 franceses que foram assassinados apenas porque eram simpatizantes dos alemães. Não se realizam dias comemorativos pelos holandeses, dinamarqueses, belgas, noruegueses, romenos, russos, cossacos, ucranianos degolados de forma bestial, que trabalharam ou lutaram do lado alemão porque queriam salvar a Europa do bolchevismo ou porque consideravam o domínio alemão como o mal menor.

Para os Correios Federais Alemães, é motivo de demissão imediata quando um de seus funcionários contesta a gaseificação de judeus. Um tribunal de Hessen confirma esse entendimento jurídico, porque tais declarações, “que em sua repugnância não podem ser superadas”, não precisam ser toleradas por um empregador! Mas todo sem-vergonha pode hoje se vangloriar de ter praticado sabotagem ou traição contra a Alemanha.

Uma leitora perguntou, preocupada, se eu não cairia em um novo antissemitismo. Muito pelo contrário! Eu tomo cuidado para que os judeus sejam tratados como todos os outros e não possam exigir direitos especiais. Pois apenas direitos especiais e mentiras, que são propagados por determinadas camarilhas de dominação mundial judaicas, geram novo antissemitismo. O senhor Wiesenthal faz mais pelo antissemitismo do que eu.

Todo judeu decente celebrará a nossa busca pela verdade e, conseqüentemente, este escrito. Pois, com a publicação deste relatório sensacional, não aticamos nenhum nacionalismo ou ódio, mas servimos à verdade, e só a verdade nos fará livres a nós e a todos. E apenas o delito realmente cometido pode ser reparado ou perdoado. O delito inventado, porém, cria inevitavelmente novo ódio e material inflamável.

Mas aqui não se trata de calcular a alta ou a baixa das cifras de perdas ou de crimes. Trata-se da sanificação moral do nosso povo. Pois somos acusados dos maiores crimes da história da humanidade: isto é, de ter provocado voluntariamente uma guerra mundial e assassinado milhões de seres humanos inocentes. E, se tivéssemos tido tempo e oportunidade,

então também teríamos extirpado o restante de todos os povos “subjugados”.

Aquele que pode permanecer indiferente a essa acusação não tem nem coração nem inteligência! De repente, agora se levantam testemunhas e dizem: “mas isso não é verdade! A Alemanha nem quis nem começou a guerra, mas foi forçada a ela por seus inimigos mortais. Hitler não quis matar os judeus e nunca deu ordem para seu extermínio, tampouco para o extermínio de outros povos. Não havia instalações de gaseificação. Tudo isso são invenções de mentes patológicas. Quase todos os assim chamados julgamentos de criminosos de guerra e de KZ foram conduzidos com testemunhas falsas e documentos falsificados!”

Todo acusado se alegra quando é absolvido, ou quando se descobre que o crime que lhe é imputado nem sequer foi cometido.

Nós, os alemães, portanto, deveríamos estar cheios de júbilo se hoje se apresentassem testemunhas que pudessem provar que Auschwitz não foi uma máquina de matar, mas uma gigantesca empresa de armamentos; que os internados, regra geral, eram tratados decentemente e que estranhos podiam, a qualquer momento, visitar o Campo. A maioria de nossos compatriotas, porém, reagiu de forma bem diferente. Fazem de conta que se lhes quer tirar a mais bela experiência do pós-guerra: seu complexo de culpa. Com unhas e dentes, apegam-se à culpa alemã. É verdadeiramente um fenômeno único na história da humanidade. Em qualquer outro povo, reação semelhante seria inconcebível. Só se pode designá-la como uma profunda doença da alma. Pois não é normal que alguém queira, a todo custo, ser culpado.

Aqui reside o verdadeiro problema e o real motivo da publicação deste folheto. Não se trata de comprovar de que lado foram cometidos mais delitos. Isso está decidido para todo aquele que se ocupou sequer superficialmente com as fontes disponíveis. É uma absolvição categórica para a Alemanha! O livro do genro de Roosevelt, coronel Dall, *A Política de Guerra da América do Norte*, nem sequer foi necessário para isso. Mas revelou, acima de qualquer dúvida, a culpa exclusiva de Roosevelt e

Churchill por esta guerra e sua conspiração criminosa contra a paz. Quem ainda afirma o contrário agora é, simplesmente, de má-fé!

Por que nós, os alemães, estamos tão apaixonados pela lenda dos 6 milhões de judeus gaseificados? Falo aqui por experiência própria, pois eu mesmo acreditei nela.

Nós, os alemães, somos reflexivos e, por natureza, temerosos de Deus. Por isso, precisávamos de uma explicação profunda, religiosa, sobre por que nosso povo havia caído nessa imensa miséria. A simples ideia de que os outros eram mais fortes e inexoráveis não é suficiente para a alma alemã. Sem causa, assim acreditamos, ninguém se encontra em tamanha penúria. É o célebre problema de Jó, a quem seus amigos reeducadores também fazem acreditar que cada golpe do destino é um castigo de Deus. Por isso, na catástrofe de 1945, só se pôde enxergar o juízo de Deus pelos pecados e crimes cometidos. A história dos 6 milhões de seres humanos inocentes assassinados simplesmente saciou essa fome “por uma explicação metafísica” e, por isso, foi assimilada tão avidamente. Fica ainda mais claro quando pode ser fundamentada biblicamente: “Não apenas matamos quaisquer seres humanos, mas o povo eleito! Sim, como uma leitora me escreveu literalmente, tocamos o olho direito de Deus. Que explicação tão maravilhosa! Agora sabemos por quê. Agora podemos expiar por isso e, por meio da submissão diante de todos os judeus e de prestações em dinheiro, reconquistar ao menos algo do favor de Deus ou esperar, jubilosos, como pecadores arrependidos, o perdão. Por isso o alemão se agarra aos ‘judeus assassinados’ como à salvação de sua alma, porque, sem essa explicação, o nosso terrível colapso não teria um sentido mais elevado e seria ainda mais difícil de suportar.”

Por isso, não recriminemos o pobre compatriota que acredita nas atrocidades dos KZ. Nós acabamos com as duas grandes mentiras sobre as quais repousa toda a evolução do pós-guerra: não existe um povo eleito, como sustentam os judeus; e, sobretudo, não existe um povo alemão criminoso, abjeto! E lutaremos sem compromissos contra todo aquele que continuar sustentando um desses produtos da mentira e, com isso, empurra o nosso povo ainda mais profundamente para dentro de sua desgraça.

Chegou o momento de nos levantarmos e agarrar o destino pelas fauces. Nós o venceremos, porque cumprimos a missão de Deus. Por isso, sou imensamente grato a Thies Christophersen, que, com seu escrito corajoso, marcha à frente do nosso povo como um exemplo luminoso e é uma garantia de que reverteremos o curso do tempo.

ESTE RELATÓRIO FOI ESCRITO PARA OS ALEMÃES QUE AINDA NÃO PERDERAM A FÉ

O SILÊNCIO IMPOSTO

Eu estive em Auschwitz, de janeiro até dezembro de 1944. Depois da guerra, ouvi falar sobre assassinatos em massa que supostamente haviam sido perpetrados pela SS contra os judeus prisioneiros. Fiquei sobremaneira surpreso. Apesar de todas as declarações de testemunhas, de todos os relatórios jornalísticos e das transmissões de rádio e televisão, até hoje não acredito nas atrocidades. E disse isso reiteradamente e em todos os lugares. Mas era inútil. Ninguém queria acreditar em mim. As provas, assim me diziam, eram demasiado conclusivas e incontestáveis. Os julgamentos haviam demonstrado claramente que em Auschwitz havia instalações de gaseificação, e o próprio Höss, como comandante do campo, havia confirmado isso. Quem quisesse negar isso tornava-se suspeito de ter participado ele mesmo nos assassinatos de judeus. Que eu me cuidasse, porque os crimes de guerra ainda não haviam prescrito. Ainda poderia ser processado, e seria melhor que eu me calasse. “A quem serve se você agora quer tentar corrigir a história? Você não muda nada! Só o reconhecimento de nossa culpa nos fez retornar à comunidade dos povos. Pense que você tem uma família. Ninguém acreditará nos seus relatos... Cale-se, isso é o mais sensato que você pode fazer.”

Dito francamente, surgiram-me dúvidas. Quando, de todos os lados e constantemente, se ouvem as mesmas histórias, é mais do que compreensível que, no fim, acredite nelas. “Para onde foram os judeus se não foram todos gaseificados?” Não sei, mas eu penso: de onde vêm os judeus se, durante a guerra, teriam sido mortos 6 milhões deles? Em minha terra natal, Schleswig-Holstein, também antes da guerra havia pouquíssimos judeus. Os assim chamados “Viehjuden”³ no campo faltavam completamente. Pessoas hostis dizem que só faltaram porque os camponeses em Dithmarschen e Angeln eram muito superiores aos judeus. Muitos judeus foram antes e durante a guerra para o exterior, e muitos

3 “Judeus de gado. (N. M T.)

judeus também sobreviveram aos campos de concentração... e muitos judeus vivem hoje novamente entre nós.

As primeiras dúvidas surgiram quando li um panfleto de Einar Aberg, de Norrviken (Suécia) [Ver Apêndice]. Ele contrapôs as cifras oficiais da população mundial judaica antes e depois da guerra e constatou que os judeus teriam de se multiplicar de tal forma durante a guerra que toda mulher em idade fértil teria de dar à luz a um filho a cada ano, se a cifra de 6 milhões de judeus assassinados fosse exata. Em 1938 havia 15.688.259 judeus no mundo. Esse número foi retirado do *World Almanac* (Almanaque Mundial) pelo American Jewish Committee (Comitê Judaico-Americano). Em 1948, de acordo com um artigo do *New York Times* de W. Baldwin, um perito reconhecido e totalmente imparcial em todas as questões demográficas, que nem apelando à maior fantasia poderia ser qualificado de “antisemita”, havia novamente 18.700.000 judeus no mundo. A lenda dos 6 milhões de judeus assassinados não pode ser verdadeira, porque é impossível que um povo se multiplique em 10 anos em 50%.

As perdas, seguramente lamentáveis, do povo judeu durante a 2ª Guerra Mundial não chegaram a 6 milhões, mas, de acordo com verificações da ONU, que não tem motivos para defender especialmente qualquer povo, cerca de duzentos mil.

Em um livro publicado no Brasil pode-se ler:

“... Esta documentação foi utilizada pelo *Canadian Anti Defamation Committee of Christian Lawmen*, juristas, e constatou-se que morreram 200.000 judeus nos doze anos do governo de Hitler (1933-45), por diversas causas, ou seja, por assassinato condenado, fuzilados como guerrilheiros ou sabotadores, por bombas que caíram sobre campos, ou por outros efeitos da guerra; mas também por morte natural, ou seja, doença e velhice.”

O destacado social-democrata austríaco Dr. Benedikt Kautsky — judeu exemplar — esteve de 1933 a 1945 nos KZ, deles 3 anos em Auschwitz, e declara: “Eu estive nos grandes KZ na Alemanha. Mas, de acordo com a

verdade, devo constatar que em nenhum campo jamais encontrei uma instalação como uma câmara de gaseificação [Ver Heinz Roth, Odenhausen, Anexo (Escrito nº 13)]”

Richard Baer, último comandante de Auschwitz (a partir de 1943) e, por conseguinte, a testemunha mais importante, de quem o semanário parisiense *Rivarol* informa que não pôde ser dissuadido a declarar que “durante todo o tempo em que esteve à frente de Auschwitz nunca tinha visto câmaras de gás nem soube que câmaras existissem”, lamentavelmente — apesar de gozar de excelente saúde — faleceu de forma totalmente repentina quatorze dias antes, em 17 de junho de 1963, na prisão preventiva. Eu nunca ocultei minha época em Auschwitz. Quando me perguntavam sobre o aniquilamento de judeus, respondi que não sabia nada a respeito. Apenas me surpreendi com a rapidez e a ausência de contestação com que os relatos de gaseificação em massa eram aceitos e acreditados pela população.

As sequelas da minha lesão contraída na guerra, em 1940, trouxeram-me uma sinusite crônica. O menor resfriado tinha como consequência a necessidade de hospitalização. No outono de 1942, um exame médico oficial deu o diagnóstico: apto para guarnição na Pátria. Solicitei uma licença de estudos e frequentei, no inverno de 1942-1943, a Escola Agrária Superior em Landsberg/Warthe. Na primavera de 1943, veio à nossa escola um capitão do OKH⁴ para recrutar alguns agrônomos dispostos a “transferir-se” para a Ucrânia para plantar lá borracha. Apresentei-me e fui admitido.

4 O.K.H.: Oberkommando des Heeres: Comando Superior do Exército (N. do T.)

KOK SAIGIS

Uma guerra móvel requer veículos, e os veículos requerem pneus, e os pneus são de borracha. Embora a borracha possa ser produzida artificialmente a partir de carvão, cal e enxofre — a chamada Buna —, sem a adição de borracha natural isso não funciona. Falta o aglutinante. Os russos, em seu afã de tornarem-se independentes das importações (quando nós fazíamos o mesmo, isso hoje é considerado como preparação para a guerra), investigaram sistematicamente toda a flora para encontrar fontes de borracha... e encontraram algumas — entre elas o Kok Sagis, um parente do “dente-de-leão”. O látex branco em suas raízes continha borracha. Ora, essa borracha havia se tornado agora muito importante para a condução posterior da guerra. O responsável pelos automotores no OKH havia instalado seções para o cultivo, aproveitamento e pesquisa. Eu, portanto, após um breve curso de capacitação, fui enviado à Ucrânia como perito para o cultivo de borracha vegetal. Uma planta de Kok Sagis nunca haviam “visto”. Mas o trabalho prático e a ajuda de alguns agrônomos russos logo me proporcionaram o conhecimento necessário.

No ano de 1943, perdemos a Ucrânia, e, no início de 1944, fui transferido para a Seção de Cultivo de Plantas do Kaiser Wilhelm Institut. Esse instituto havia instalado uma seção em Auschwitz. Assim, viajei para Auschwitz e só me dei conta, no caminho para lá, de que existia um campo de concentração.

Como já havia sido ferido na campanha da França e praticamente passei meu tempo em hospitais, não me foi possível seguir uma carreira militar. Assim, eu era apenas um soldado de patente baixa, e, por minha atividade no OKH, cheguei a ser Sonderführer (Z), condutor especial — este era o posto equivalente ao de tenente. Depois, nossa dependência foi subordinada, no outono de 1943, à SS, e o Reichsführer Himmler ficou encarregado do patrocínio. Como é sabido, eu era agrônomo diplomado. Nossa dependência passou a se chamar B.d.K.⁵, Apoderado para os Automotores sob o comando do Reichsführer SS, Seção de Borracha

5 Bevollmächtigter des Kraftfahrwesens (N. do T.).

Vegetal. Mas conservamos nossos uniformes da Wehrmacht, e também fomos tatuados com nossos grupos sanguíneos. Isso certamente salvou a vida de muitos de nós.

Se agora devo contar minhas experiências em Auschwitz, então tenho dúvidas se devo também revelar os nomes de meus camaradas que ainda vivem e com os quais mantenho contato. Sei muito bem que devo contar com represálias se quebrar o silêncio. Ora, estou disposto a assumi-las... e, em parte, já tive que suportá-las. Como editor do *Bauernschaft*⁶ e do *Kritik*⁷, assim como anteriormente do *Deutscher Bauer*, nunca tive papas na língua. Mas em 1969 entreguei minha propriedade ao meu filho. Então acreditei que, como chefe de redação deste último, teria minha existência assegurada. Meus amigos saberão que este periódico, por dificuldades econômicas, passou para a editora DSZ do Dr. Frey, em Munique. Eu tinha a promessa contratual de que a direção da redação permaneceria em minhas mãos. Mas a direção da redação deste periódico nunca esteve em minhas mãos desde que foi transferida para Munique. Eu era, no verdadeiro sentido da palavra, um editor de fachada. O periódico eu só via quando já estava impresso. Meus próprios artigos tornavam-se cada vez mais raros de encontrar. Reiteradamente, induziram o Dr. Frey a me despedir sem aviso prévio. Um julgamento perante um tribunal trabalhista concluiu com um acordo magro. De acordo com nosso contrato, eu não podia fazer declarações sobre a redação, pois então estaria sujeito a uma multa convencional de 40.000 DM. Desde então, sou um desempregado formal, e, apesar de ter sido readaptado pelo Escritório de Trabalho para o serviço administrativo, simplesmente me é impossível conseguir um emprego. Nenhuma repartição, nenhuma dependência e, lamentavelmente, nenhuma empresa quer empregar uma pessoa que trabalhou com o Dr. Frey como editor... Apesar de eu ter apenas 55 anos de idade, não tenho nenhuma perspectiva de ser reintegrado à vida profissional. Por que, então, eu não haveria de relatar? Levo uma existência de pobreza modesta, porém feliz. Meus filhos têm o futuro assegurado. Mas eu não gostaria de causar

6 O Campesinato (N. do T.)

7 Crítica (N. do T.)

dificuldades aos meus antigos superiores e camaradas, que em parte ainda estão na ativa profissional.

A VIDA DO ACAMPAMENTO

O dia estava frio e ventoso quando cheguei, em 15 de janeiro de 1944, à estação de Auschwitz. Refleti se não seria conveniente pegar um carro, mas só havia carros de tração animal, e decidi caminhar. Deixei meu equipamento no depósito e perguntei o caminho para a comandância do campo. Não era muito longe. O campo, uma construção de quartéis com edifícios feios, mas maciços, situava-se junto a ela. O portão com a inscrição *Arbeit macht frei*⁸ foi a primeira coisa que vi do Campo de Concentração de Auschwitz. O que me chamou atenção foi que um grande número de prisioneiros andava livremente de um lado para outro sem ser vigiado. Mais tarde, soube que o campo, que estava cercado por arame farpado eletrificado, só era vigiado à noite. Durante o dia, os prisioneiros podiam se movimentar livremente por um terreno enorme. Esse terreno, é claro, era cercado por sentinelas que, à noite, após a chamada para a contagem, eram retiradas.

Apresentei-me ao meu superior, o Obersturmbannführer Dr. A. Um homem alto, de presença imponente, com olhos azuis penetrantes e cabelo levemente ruivo. A saudação foi cordial. Descobri que ele conhecia muito bem meu irmão, que também servia na SS. Em seguida, fiz-lhe algumas perguntas curiosas a respeito do Campo de Concentração. Por exemplo, quis saber que tipo de pessoas estavam ali detidas. Sua resposta: “Os alemães que estão aqui pertencem aqui... São inimigos do povo... além disso, aqui está a ‘elite’ europeia.” Essas palavras, como constatei mais tarde, refletiam a verdade. Fui apresentado aos seus colaboradores. Hauptsturmführer B., emigrante russo, ex-oficial czarista, que além do russo também falava perfeitamente alemão e francês, ofereceu-se para me levar de carro até minha acomodação. Para a área agrícola, os oficiais não dispunham de automóveis, mas sim de carros de tração animal com cocheiro. Isso me pareceu um tanto ostentoso. Também o fato de que os prisioneiros que encontrávamos pelo caminho paravam e, ao mesmo tempo em que tiravam de um puxão o boné, se punham em posição de sentido,

8 “O trabalho liberta” (N. do T.)

não me agradava totalmente. Mas éramos oficiais, e até os soldados da SS nos saudavam militarmente.

Minha acomodação ficava em Raisko, a cerca de 3 km do campo principal. Ali havia um campo de mulheres, estufas e laboratórios para o nosso trabalho de cultivo de plantas. Foi-me disponibilizado um quarto em uma casa separada. A mesma casa eu compartilhava com meu colega, o Obersturmführer Dr. C., responsável pela supervisão da Seção de Cultivo de Plantas. Era um homem muito alegre, e seu riso tinha algo de refrescante para o coração. Gozava de grande simpatia entre os prisioneiros. Até hoje mantém correspondência com ex-prisioneiros de Auschwitz. Havia pouco tempo que se casara, e mais tarde trouxe sua esposa e seus dois filhos em idade pré-escolar. Eu me mudei posteriormente para uma residência em uma estufa recém-construída. Ali vivia junto com um cientista do Kaiser-Wilhelm-Institut. Posso dizer seu nome: Dr. Böhme. Foi fuzilado após a capitulação por civis poloneses brutalizados. Com toda certeza, não havia feito mal a ninguém; era a própria amabilidade e disposição para ajudar.

O primeiro prisioneiro que conheci foi “Agnes”. Agnes pertencia às “Testemunhas de Jeová” e nos estava designada como *Raumpflegerin*⁹. Quis interrogá-la sobre as condições no campo de concentração, mas Agnes manteve-se em silêncio... Diferente foi com a Senhora Pohl. Ela comandava a cozinha. Também estudava a Bíblia e distribuía folhetos aos prisioneiros. Isso, na verdade, não era permitido, mas não era minha função vigiar os prisioneiros. Além disso, seus escritos me pareceram inofensivos. Em questões de fé, sempre fui tolerante. Até hoje não posso negar às Testemunhas de Jeová certa admiração e respeito. Elas aceitavam ser presas por sua fé e sofriam porque queriam sofrer. Não precisavam de vigilância e podiam se mover com total liberdade.

Em nosso campo, cerca de 300 mulheres estavam alojadas em 3 barracões. Tratava-se de pessoal selecionado, que trabalhava quase exclusivamente para a Seção de Cultivo de Plantas. A maioria eram judias e polonesas, e algumas francesas. Todas falavam muito bem o alemão.

9 Encarregada do controle ambiental. (N. do T.)

Muitas possuíam formação acadêmica. Sua tarefa tinha caráter científico, e eram muito independentes. De fato, não era eu quem devia ensinar o trabalho às reclusas, mas elas me ensinavam a mim. Eu pedia que me explicassem seu trabalho, e o faziam com certo orgulho, quase presunção, eu diria. Ficou em mim a impressão de que os reclusos realizavam seu trabalho de pesquisa com zelo e alegria.

O cultivo de plantas segundo o procedimento de seleção significa investigar e selecionar. As raízes das plantas eram analisadas quanto ao seu teor de borracha e multiplicadas por estacas. As sementes produzidas eram colhidas cuidadosamente e depois replantadas. Era muito fácil realizar sabotagem, mas não se teve notícia de nenhum caso. É preciso dizer também que os prisioneiros não confiavam muito uns nos outros. Ali estava o velho ódio entre os nacionais poloneses e os judeus. O ódio nacionalsocialista aos judeus, em comparação, era inofensivo. Os resultados quanto ao aumento do teor de borracha foram totalmente satisfatórios. Lamentavelmente, já não consigo lembrar as cifras.

O Hauptsturmführer B. viajou para os territórios ocupados no Leste em busca de cientistas. Trouxe alguns cientistas russos com suas famílias para Auschwitz, que trabalharam como empregados civis para nós e também o faziam de boa vontade.

O caso tomou um rumo trágico quando o agrônomo J. Sassmoschek foi transferido para Auschwitz. Ali encontrou entre os detidos sua antiga amante. Esse reencontro não ficou sem consequências. Mas Sassmoschek pôde se casar com sua amante, que foi libertada. Mesmo após a evacuação de Auschwitz, voltei a encontrar os dois em Halle (Saale). Ambos estavam radiantes de felicidade. Eu, por certo, não me sentia nada feliz, pois justamente havia sobrevivido ao bombardeio de 13 de fevereiro em Dresden, do qual escapei ileso, como por um milagre. Creio que, em Dresden, nesse dia, morreram mais seres humanos do que durante todos os anos de guerra em Auschwitz. Mas os crimes de guerra dos aliados também não estão, até hoje, em debate.

Como se desenvolvia a jornada dos detidos em Auschwitz? Às 7h eram despertados, tomavam banho e, depois de tomarem o café da manhã,

passavam por uma revista. Às 8h começava o trabalho. Das 12h às 13h, pausa para o almoço, e às 17h as tarefas eram concluídas. Às 19h havia a chamada para a contagem; em seguida, os sentinelas externos deixavam seus postos, e apenas o campo continuava vigiado. A correspondência era distribuída aos detidos diariamente. Os pacotes eram abertos durante a revista e controlados pelo vigilante do campo. Raramente algo não era entregue, por exemplo, remédios e certos livros e escritos, câmeras fotográficas, aparelhos de rádio e outros instrumentos técnicos. Mas essas coisas continuavam sendo propriedade dos detidos. Eram levadas para a “Canadá” e guardadas.

“Canadá” era o nome de um enorme galpão de depósito, onde se armazenava toda a propriedade dos judeus evacuados ou transferidos que estavam internados em Auschwitz. Havia de tudo em “Canadá”, daí o nome. Mas o local era rigorosamente vigiado. Em nossa estação meteorológica, tínhamos uma auxiliar da SS que, em uma ocasião, havia se apropriado de um par de meias de seda em “Canadá”. Foi levada a um tribunal de guerra por isso... por saque. Mas os próprios detidos que trabalhavam ali furtavam como corvos.

Chamava-me a atenção o bom estado de vestimenta de nossos detidos. Embora devessem usar suas roupas de prisioneiro, sua roupa íntima, meias e sapatos eram impecáveis e de muito boa qualidade. Também não faltava cuidado com a aparência. Lápis de boca, pó facial e blush faziam parte dos utensílios das detidas. Não havia judias raspadas na época em que estive em Auschwitz. Mas me contaram que isso já havia ocorrido em Auschwitz. A visão teria sido tão horrível que até os condutores da SS mais endurecidos não conseguiram suportá-la. Todo sábado, um grupo de nossas mulheres era enviado ao campo principal para a troca de roupas. Voltavam então com as peças mais esplêndidas do “botim”, que eram distribuídas entre as detidas. Creio que esse roubo era tacitamente tolerado.

OLGA

Em maio, recebi pela primeira vez a visita da minha esposa. Ela trabalhava profissionalmente como professora de economia doméstica agrária e tinha curiosidade em conhecer meu local de trabalho no KZ. O simples fato de que era possível receber visitas de nossos familiares a qualquer momento demonstra a franqueza da administração do campo. Se Auschwitz tivesse sido um grande campo de extermínio, certamente não teríamos podido receber visitas de nossos familiares. As formalidades que ainda hoje são necessárias para fazer uma visita à prisão fundada por Walter Ulbricht não eram necessárias. A comparação de Auschwitz com a RDA¹⁰ não é tão descabida.

Éramos um casal recém-casado e ainda quase não havíamos passado tempo juntos. Fui buscá-la na estação. Ela veio de tamancos de madeira, com um lenço na cabeça e sem meias. Era época de guerra, e a elegância para nós era um luxo.

Naquela época, havia sido designado uma nova “cuidadora de ambientes”. Donzela seria a expressão adequada. Olga! Olga era polonesa. Única em seu gênero, mas cuidava de mim de forma comovente e era extraordinariamente prestativa. Havia sempre flores no meu quarto, sempre toalhas e cortinas limpas, e Olga sempre tinha uma surpresa para mim.

Durante a estadia da minha esposa, começaram as tarefas nos campos de borracha e não pude dedicar muito tempo a ela; mas minha esposa tinha a melhor companhia em Olga. Ela podia falar como um livro aberto. Minha esposa achou que devia lhe fazer um pequeno presente e havia comprado uma bagatela. Quando a levei de volta à estação, mal a reconheci. Estava vestida de novo da cabeça aos pés. Olga havia providenciado tudo, até uma mala nova. Minha esposa me havia trazido algumas iguarias das quais ela mesma se privara, entre elas um pedaço de

¹⁰ Deutsche Demokratische Republik: República Democrática Alemã. (N. do T.) (9 bis) Organização norte-americana de ajuda (cabe perguntar: se os alemães eram sádicos criminosos que assassinavam diariamente centenas de milhares de judeus, com que objetivo se enviavam estas remessas cujo conteúdo aproveitaria o pessoal do Campo? (N. do T.)

manteiga. Todas as noites, Olga me preparava batatas fritas que nadavam em manteiga. Mas a manteiga nunca acabava. Diariamente chegavam encomendas do Care (9 bis), e Olga se sentia obrigada a cuidar também de mim. Não, os internos em Raisko não passaram fome. E quando um recém-chegado chegava desnutrido e magro ao campo, após alguns dias já tinha a pele lisa.

CAMPO DE EXTERMÍNIO?

“O Campo de Extermínio não estava em Auschwitz, mas em Birkenau.” Assim li e ouvi depois da guerra. Pois bem: eu também estive em Birkenau. Esse campo não me agradou nem um pouco. Estava superlotado, e as pessoas de lá não me causaram boa impressão. Tudo estava muito abandonado e sujo. Também vi famílias com crianças, cuja visão me causou desconforto. Disseram-me, entretanto, que não se queria separar as crianças de seus pais quando estes eram internados. Algumas crianças também estavam brincando alegremente com uma bola. No entanto, sou da opinião de que crianças não devem estar em um campo de concentração e que, mesmo que, por exemplo, os ingleses também tenham feito isso durante a Guerra dos Bôeres, isso não serve como justificativa. Também comentei isso com meu superior, cuja resposta foi: “Compartilho sua opinião, mas não posso fazer nada a respeito.”

Eu tinha a tarefa de selecionar em Birkenau 100 operários para cuidar das plantas de Kok Sagis. Isso acontecia da seguinte maneira: durante a revista, perguntava-se aos reclusos se estavam dispostos a realizar esse trabalho e se já o haviam feito antes. Geralmente, havia mais voluntários do que o necessário. Depois, realizava-se a “seleção”. Mais tarde, esse termo “seleção” foi interpretado de maneira totalmente equivocada. Na verdade, o objetivo era apenas fornecer uma ocupação aos reclusos, e eles próprios queriam ser ocupados. A seleção significava simplesmente empregar os reclusos de acordo com suas aptidões, capacidades e condições físicas.

É um fato que em Auschwitz havia mais pessoas do que postos de trabalho disponíveis ou que pudessem ser criados. Naturalmente, era importante para mim conseguir mão de obra que já tivesse experiência em agricultura. Nesse aspecto, faltavam os judeus. Bons operários vinham dos poloneses, enquanto os ciganos eram totalmente inúteis. O Comando 11, como se chamava nossa coluna feminina de trabalho de Birkenau, vinha diariamente a Raisko e trabalhava nos campos de cacho sem vigilância de centinelas. Eu mantinha contato quase diário com essas pessoas de

Birkenau e também ouvia, complacente, suas queixas. Uma vez, vi um sentinela da SS dar um chute no traseiro de uma mulher. Pedi explicações: a mulher havia chamado o sentinela de “Nazischwein”¹¹. Mas a realidade era que o sentinela havia ofendido a mulher primeiro.

Fiz denúncia desse acontecimento e o guarda SS foi transferido para o batalhão penal de Danzig. A partir desse dia, passei a ser estimado entre os presos, especialmente pelos do Comando 11 de Birkenau. Com frequência, os presos também vinham até mim quando tinham pedidos ou reclamações. Eu fazia o que podia, porque, para mim, os presos não eram inimigos, mas internados. Frequentemente, também lhes prestava algum favor que contrariava o regulamento. A maior alegria que podia lhes proporcionar era levá-los a passear às margens do rio Sula e permitir que se banhassem nos dias quentes do verão de 1944.

Aliás, o comando de jardineiros de Birkenau era um grupo alegre. Cantavam durante o trabalho suas canções populares polonesas, e os ciganos os acompanhavam com danças. No início, fiquei indignado com o mau estado nutricional dos operários e também preocupado, mas depois tive que constatar que os presos chegavam à internação em condições nutricionais péssimas, e era necessário algum tempo até que a alimentação os recuperasse. Com frequência, eu almoçava junto com eles da sua cozinha móvel, que, por sinal, me agradava.

Mas o Comando 11 também tinha fontes secretas de alimentos. Trazia de esconderijos secretos as coisas mais maravilhosas. Esses esconderijos eram sempre reabastecidos durante a noite por amigos. Também acontecia que esses amigos se vestiam com a roupa de presos e marchavam com os demais para o Campo. Enquanto isso, outros reclusos tiravam licença por alguns dias. Auschwitz ficava na Polônia, e a população local ajudava os presos da melhor forma possível, mesmo que isso fosse proibido.

As tropas de ocupação alemãs e, sobretudo, a chamada administração civil frequentemente, como todos sabemos, nem sempre se mostraram muito simpáticas à população. Uma medida que não me agradou nada foi a expropriação dos pequenos camponeses poloneses. Eles tiveram que ceder

11 "Porco nazista". (N. do T.)

suas terras para as empresas agrícolas pertencentes ao Campo de Auschwitz. Mas me disseram que foram indenizados, e isso exatamente da mesma forma que outros proprietários de terras que, por exemplo, tiveram que entregar suas terras para a construção de uma estrada. Também as medidas de reassentamento não me pareceram acertadas, mas sempre me garantiram que elas nunca eram compulsórias. A privação da liberdade é dura, mas a guerra é ainda mais dura, e para nós também se tornava cada vez mais difícil e cruel. No outono de 1944, o Campo de Concentração de Auschwitz foi bombardeado pela primeira vez por aviadores norte-americanos. As vítimas foram cerca de 20 presos. Eu mesmo havia perdido a fé na vitória final com o desembarque realizado na costa do Canal; em todo caso, surgiram dúvidas em mim. Os comunicados da frente eram cada vez mais decepcionantes, e os presos também estavam bem informados — o diabo sabe por quem.

Mas aos ocupantes do Campo em nossa área era dado o mesmo cuidado de antes. O Obersturmbannführer A. havia conseguido que, uma vez por semana, um carro projetor de filmes viesse ao nosso Campo. Assistimos, junto com os presos, entre outros, aos filmes *Münchhausen* e *A Cidade Dourada*. O filme *Jud Süß*¹², é claro, não foi exibido aos presos, nem tampouco filmes de propaganda como *Kolberg* e *Cadetes*. No salão comunitário também podiam ser celebrados ofícios religiosos para os ocupantes do Campo. Eu mesmo presenciei diversos serviços religiosos e devo dizer que, em parte, eram muito solenes, especialmente os da comunidade russo-ortodoxa, à qual pertenciam nossos empregados civis russos. Entre os ocupantes do Campo também se formou um grupo teatral, e certa noite nos convidaram para uma apresentação de *Fausto*. Até atores profissionais não poderiam tê-la executado melhor.

Eu mesmo teria desejado tirar outra licença para continuar meus estudos, mas a situação bélica era grave e as perspectivas, ruins. Ofereceram-me um curso por correspondência. Pedi que me enviassem livros. Uma reclusa, médica judia de Praga, ofereceu-se para estudar comigo a matéria. Assim, recebi todos os dias aulas particulares de uma interna. Isso era possível em Raisko. Os judeus eram vivazes e, na medida

12 O Judeu Süß (N. do T.)

em que os conheci em Auschwitz, também bastante agradáveis. Durante o verão, recebi por alguns dias a visita de minha mãe. Naturalmente, surgiu de imediato uma amizade “gorda” entre minha mãe e Olga. Uma noite minha mãe me perguntou sobre o crematório onde se queimavam seres humanos. Eu desconhecia a existência de tal instalação. Pedi explicações a Olga. Ela não pôde me dar nada preciso, mas disse que, na direção de Bielitz, sempre se via um resplendor de fogo. Viajando a Bielitz, encontrei lá uma mina, na qual também trabalhavam reclusos. Percorri todo o campo e examinei todos os fornos e todas as chaminés fumegantes. Mas não encontrei nada. Interroguei meus colegas, mas a resposta... foi apenas encolher de ombros e dizer que “não se devia dar crédito a essas ‘consignas de latrina’”. “Que havia um crematório em Auschwitz, porque aqui viviam 200.000 pessoas, e em toda grande cidade com 200.000 habitantes também havia um crematório. Naturalmente, aqui também morrem seres humanos, mas não apenas os reclusos. A esposa do Obersturmbannführer A. também havia falecido aqui. Essa resposta me deixou satisfeito.”

Durante meu tempo em Auschwitz não notei nem os menores sinais de extermínio em massa por gaseificação. Também o cheiro de carne queimada, que supostamente emanava frequentemente do Campo, é uma completa mentira. Nas proximidades do Campo principal havia uma grande ferraria de cavalos. O cheiro produzido ao aquecer as ferraduras, naturalmente, não era agradável. A propósito, o responsável por dirigir essa ferraria vive hoje em uma vila vizinha à minha. Por outro lado, as disposições que aliviavam a prisão tornaram-se cada vez mais generosas. No Campo principal havia sido instalado um prostíbulo para os homens. O amor e tudo o que o acompanha é, sem dúvida, algo humano, e os internos não deveriam ser privados disso. Naturalmente, também havia casais de apaixonados entre os reclusos. Se o prostíbulo conseguiu evitar essas uniões, ousou duvidar. Mas o fato de que em Auschwitz também havia prostíbulos para os reclusos é silenciado em todos os relatórios pós-guerra. Um voucher para o prostíbulo era um prêmio especial por bom comportamento. Mas também havia reclusos que atiravam o voucher na

cara de seu Kapo. Merecem respeito! Isso me pareceu uma forma especial de bom comportamento.

O assunto da cremação de cadáveres gerou divergências entre Olga e eu. A longo prazo, essa mulher, com suas eternas tagarelices, atacava meus nervos. Sua diligência me parecia excessivamente submissa, demasiadamente servil. Isso não me agradava. Foi-lhe atribuída outra função, da qual não invejei nada: foi nomeada “vigia” no campo de mulheres e deveria garantir que os reclusos masculinos não entrassem sem autorização. Olga sabia repreender de forma maravilhosa, e era uma alegria vê-la expulsar os homens do campo de mulheres. Os reclusos a chamavam de “Cérbero”.

A boa Olga, o que terá sido dela? Ela não queria voltar para uma Polônia comunista; quase nenhum dos reclusos poloneses queria, e tampouco os judeus. Muitos deles até rezavam pela vitória dos alemães. Segundo soube por meu ex-colega, o Obersturmführer Dr. C., que visitei recentemente, muitos dos ex-reclusos estão hoje nos Estados Unidos. Ele ainda mantém correspondência com alguns deles. Alguns também estavam dispostos a depor como testemunhas de defesa a favor de oficiais da SS acusados nos processos dos campos de concentração... mas foram praticamente rejeitados. Essas notícias então apareceram na imprensa nacional.

Não havia segredos em Auschwitz. Em setembro de 1944, uma comissão da Cruz Vermelha Internacional veio a Auschwitz para realizar uma inspeção. Mas demonstraram maior interesse pelo Campo de Birkenau. Tivemos muitas visitas em Raisko, mas a maior parte das pessoas interessava-se pelo nosso cultivo de plantas. Eu participava frequentemente dessas visitas guiadas. Apesar de, na realidade, não ser permitido que os visitantes conversassem com os detentos, estes quase sempre tinham de dar explicações sobre seu trabalho.

Naquela época, fizemos os primeiros ensaios com colchicina. A colchicina é o veneno do açafrão-do-mato (*Colchicum autumnale*). Com este veneno, conseguimos inibir a divisão redutiva na divisão celular, e a planta então adquiria o dobro de cromossomos. Plantas assim tendiam a

crescer de forma gigantesca. É verdade que isso ocorria às custas da fecundidade das plantas. A obtenção de sementes continuava a desempenhar um papel muito importante. A colheita dessas sementes, devido ao penacho (corpo alado da aquênea, como no dente-de-leão), não é nada simples. Eu me envolvi com alguns detentos habilidosos e agrônomos russos na construção de uma máquina de colheita. Entre os homens havia alguns artesãos experientes e também possuíamos oficinas bem equipadas. Alguns agrônomos russos trabalhavam com a chamada ionogalvanização. Para isso, os detentos construíaam aparelhos que funcionavam com ondas ultracurtas. O material para a construção desses aparelhos eu ia buscar em uma empresa de desmonte de aviões, onde eram aproveitados aviões abatidos ou caídos. Os detentos também encontravam ali material para a construção de pequenos aparelhos de rádio. Naturalmente, não era permitido que esses aparelhos fossem levados para o Campo. Eu mesmo me tornei, em Auschwitz, um pequeno técnico de rádio. Meus mestres eram os detentos, e eles me conseguiam tudo o que eu precisava para construir pequenos receptores.

Em Auschwitz, claro, não se realizava apenas o cultivo de plantas. Havia uma infinidade de outros objetivos de pesquisa. Devido à mão de obra disponível que não estava sendo plenamente aproveitada, cada vez mais a pesquisa foi transferida para Auschwitz. Ali também havia ainda mais segurança contra bombardeios noturnos. Mais ou menos a cada 15 dias, os oficiais se reuniam. Os chefes de seção deviam informar sobre sua área de trabalho. Eu ouvi muitas palestras interessantes lá, mas não me recordo de nada chocante. Mais tarde, soube que também haviam sido realizados experimentos com seres vivos em Auschwitz. Lembro-me de ter ouvido, certa vez, uma palestra sobre o desenvolvimento do embrião no útero materno com os mais diversos tipos de alimentação da mãe. Se esses seres humanos conseguiram levar a gestação até o termo passando fome, não posso afirmar. Mas na ocasião foi dito que esses ensaios forneceram conhecimentos muito importantes para a alimentação da mulher grávida. Os relatos sobre experimentos com novos medicamentos em reclusos não me parecem muito confiáveis. Consultei um médico de Auschwitz, que me informou que os novos medicamentos só eram testados em seres humanos

após a conclusão dos ensaios em animais. É possível que isso ainda ocorra atualmente.

Lembro-me de que, em um filme sobre Auschwitz que vi na televisão após a guerra, mostrava-se um edifício próximo ao Campo principal com chaminés gigantescas. Supostamente, seria o crematório. Pois bem, lamento dizer, mas quando deixei o Campo em Auschwitz, em dezembro de 1944, não vi tal construção. Também não consigo imaginar que, durante o rigoroso inverno de 1944-1945, essas chaminés tenham sido erguidas. Para mim, surge a suspeita de que essas instalações só tenham sido montadas ali após a guerra.

Além disso, também me parece inacreditável que, se essas instalações tivessem realmente existido, a SS não as teria destruído ao evacuar o local. Exatamente nesses dias, ouvi ainda um relato na rádio segundo o qual apenas em Auschwitz teriam sido fuziladas 4 milhões de pessoas. Com certeza, não foram fuziladas pessoas em Auschwitz, pois isso teria sido ouvido. É verdade que lembro-me de uma grande agitação que houve certa vez em nosso Campo, quando se espalhou o boato de que reféns seriam fuzilados. Esse tipo de vingança é o mais horrível que consigo imaginar, porque recai sobre pessoas inocentes. Que tenha ocorrido de ambos os lados, é provável. Mas se, para cada vítima dos bombardeios, tivesse-se querido matar um prisioneiro, então seguramente nenhum dos 200.000 internos teria saído vivo. Se se considera que Auschwitz funcionou apenas cerca de 4 anos, então ali teria que morrer por ano um milhão e por dia cerca de três mil pessoas. Que aspecto deveria ter uma instalação de cremação capaz de queimar diariamente três mil pessoas? Mas até sepulturas em massa dessas dimensões não poderiam ser ocultadas.

Mas o povo alemão continua acreditando nos assassinatos em massa nos campos de concentração. Por quê, afinal? Não seria porque todos nós que sabemos a verdade carregamos sobre nós uma culpa monstruosa? Por que ficamos calados por tanto tempo?

Quero tentar dar uma resposta a essas perguntas:

Iº) Não é que tenhamos nos calado... mas ninguém queria ouvir nossos relatos, nenhum jornal queria publicá-los, nenhuma editora queria imprimi-los.

IIº) Ainda hoje existem testemunhas vivas suficientes que poderiam confirmar minhas declarações e fazer declarações semelhantes. Mas o que nos falta é um Estado de Direito imparcial. Seria puro e simples suicídio dizer a verdade.

IIIº) Embora eu ainda não esteja cansado de viver, cumpri a missão da minha vida, garanti a existência dos meus filhos e minha esposa certamente receberá, ao completar 65 anos, sua merecida aposentadoria, que não lhe será negada caso algo venha a acontecer comigo.

IVº) Pelo meu trabalho ao longo de muitos anos como jornalista e editor de *Bauernschaft* e *Kritik*, criei para mim mesmo um pequeno círculo de leitores e agora também posso publicar meu relatório por conta própria, com o apoio da *Deutsche Bürger Initiative*¹³, sem estar submetido a qualquer tipo de dependência.

Vº) Diz-se, e infelizmente também por membros e eleitores dos grandes partidos: “Somente o reconhecimento de nossa culpa no início da Guerra e na eliminação dos 6 milhões de judeus nos dá a possibilidade de sermos reintegrados à comunidade dos povos. Quem negar isso causaria um grave dano ao povo alemão.”

VIº) Com a refutação dos assassinatos em massa nos Campos de concentração, não apenas a política da Alemanha do pós-guerra se mostraria um erro, como também os políticos do pós-guerra teriam que admitir que exerceram uma política totalmente equivocada. E isso não deve acontecer.

VIIº) Mas também houve covardes, mentirosos e testemunhas compradas. Alguns dos acusados que sabiam exatamente que as acusações contra eles não eram verdadeiras fizeram, no entanto, uma “confissão”, porque acreditaram — e certamente lhes foi prometido — que poderiam obter vantagens para si mesmos se declarassem de acordo com a acusação.

13 Iniciativa Cívica Alemã (N. do T.)

Mas (isto deve ser concedido), também existe a possibilidade de que tenham sido arrancadas “confissões” por meio de tortura. Também existem relatos a esse respeito.

Como poderia mudar o comportamento do nosso povo, especialmente da nossa juventude, se eles se convencessem da inocência de seus pais? A culpa pode pesar fortemente sobre um ser humano e levá-lo a uma submissão servil. Exatamente isso é o que os vencedores quiseram conseguir e não tolerarão que se percam os frutos de suas mentiras, que agora estão colhendo.

Escrevi minhas memórias exatamente como os fatos ocorreram e como os lembro. Disse a verdade, *“assim me ajude Deus”*. E, se este meu depoimento puder contribuir para que nossa juventude volte a ter um pouco mais de respeito por seus pais, que como soldados lutaram pela Alemanha e não eram criminosos, então ficarei muito feliz.

Kälberhagen, 3 de janeiro de 1973

Thies Christophersen

O QUE ACONTECEU EM DACHAU?

A MENTIRA DOS 238.000 ASSASSINADOS NOS FORNOS CREMATÓRIOS

Por Ludwig Paulin

(Segundo um artigo publicado em “Der Weg”, Nrs. 5/6, ano 1954)

As notícias sobre atrocidades são informações intencionais, inventadas para prejudicar o adversário, roubar ou difamá-lo. As mentiras sobre atrocidades são acreditadas com tanto mais facilidade quanto mais vigorosamente são divulgadas ao mundo e quanto maiores são as mentiras servidas aos seres humanos crédulos. Reduzi-las ao silêncio não é fácil devido à ingenuidade das pessoas, apesar de todas as provas fundamentadas em contrário. Isso também acontece em relação às notícias sobre os supostos crimes dos alemães no Campo de Concentração de Dachau.

No curso da execução do “Plano White–Morgenthau”, a Alemanha deveria ser eliminada para sempre da comunidade dos povos. Assim, buscaram-se motivos para justificar a “canibalização” de um povo de 65 milhões de habitantes. E eles também foram encontrados, fiéis ao princípio puritano: “Tell a lie and stick to it!” (“Diga uma mentira e mantenha-se nela!”).

A isso se acrescentou a alegação de que somente no leste e sudeste da Alemanha teriam sido assassinados cerca de 6 a 8 milhões de alemães, sem mencionar absolutamente as incontáveis vítimas dos bombardeios aéreos, violadores do Direito internacional. Assim, buscou-se um número que, por um lado, justificasse as medidas planejadas e, por outro, lançasse na sombra os próprios assassinatos: Atribuiu-se tudo o que, de alguma forma, pudesse surgir de cérebros malignos aos campos de concentração alemães, e inventou-se a história dos 6 milhões de judeus assassinados, tudo isso em um momento em que não havia qualquer comunicação com os campos, nenhum material documental sobre a quantidade de internados, a administração ou as cifras de óbitos. Também não se fez nenhum esforço para obter quaisquer dados; tudo foi “provado” sem evidências da verdade

e, até hoje, mantém-se agarrado a essas mentiras. Mas quem ousasse protestar contra essa discriminação do povo alemão era rotulado de “antisemita” e perseguido.

Os campos de concentração não são de forma alguma uma invenção dos “nazistas”. Já no Antigo Testamento encontramos registros sobre sua instalação (Crônicas 2, 16-17). A reativação dessa ideia foi realizada pelos ingleses devotos da Bíblia durante a Guerra dos Bôeres (1899-1902), ocasião em que deixaram morrer de fome 24.000 mulheres e crianças bôeres. Mas, acima de tudo, a Polícia Estatal Soviética (Tscheka, mais tarde GPU, NKWD, MWD), desde Herschel Jehuda, chamado Jagoda, até os dias atuais, utilizou uma grande quantidade desses campos para aniquilar milhões de pessoas indesejadas mediante trabalhos forçados e subalimentação. Na Áustria, o regime ditatorial de Dollfuss-Schuschnigg (1932-38) instalou os tristemente célebres “campos de detenção” (Anhaltelager), nos quais os adversários da ditadura perderam sua liberdade e sua saúde. Em 1939, foram instalados na Inglaterra e nos EUA gigantescos campos de concentração, que nos EUA eram vergonhosamente chamados de “relocation camps”, campos de realojamento. E, recentemente, em 1953 (!), os EUA voltaram a erguer oito novos campos desse tipo, para, em caso de um eventual surto de guerra, afastar da vida pública elementos indesejados ou considerados inseguros.

Outra coisa a Alemanha também não fez!

Em 1933, foram construídos na Alemanha dois campos de concentração: um em Oranienburg, nos arredores de Berlim, e o segundo próximo à cidade-sede do partido, Dachau, na Baviera Superior. Principalmente, dois grupos de pessoas foram então alojados nesses campos em prisão policial preventiva, em defesa da ordem pública:

a) Elementos que, por sua conduta até então demonstrada, mostraram que trabalhavam para a subversão da ordem estatal, em sua maioria funcionários comunistas;

b) Criminosos patológicos, assassinos, estupradores, homossexuais e outros criminosos sexuais. Durante a guerra, foram agregados depois

derrotistas, sabotadores e trabalhadores estrangeiros que haviam cometido delitos. Por essa razão, até a chegada dos “libertadores” e mesmo no final da guerra, os crimes brutais constituíam uma exceção.

O complexo do Campo de Dachau estava erguido à beira e dentro de uma extensa floresta. Tudo o que era necessário no Campo devia ser produzido pelos próprios internados, para o que cada um devia ser ocupado, na medida do possível, em sua profissão ou instruído em uma que lhe agradasse. Dachau era, portanto, exclusivamente um campo de trabalho.

Quando, depois de os norte-americanos tomarem o Campo, não encontraram nada ao registrá-lo para iniciar um julgamento contra a direção do Campo, procedeu-se à compra de testemunhas. A esses foi entregue, posteriormente, “confissões” escritas que deviam aprender de cor e apresentar nas audiências. Outro método era o seguinte: integrantes da guarda de Dachau e ex-ocupantes eram conduzidos sob a luz deslumbrante de refletores pelo palco do pequeno teatro do Campo, enquanto na plateia estavam sentados ex-prisioneiros do KZ bem alimentados, mantidos pelos norte-americanos e abundantemente remunerados, que demonstravam sua gratidão perante seus novos patrões acusando este ou aquele dos indefesos apresentados no palco de quaisquer crimes atrozes, entregando-os assim à justiça de vingança dos War Crimes Courts. Para inúmeras dessas vítimas, os processos de Malmedy, Flossenbürg e Mauthausen conduziram-nos à forca em Landsberg.

Um exemplo para a gênese de mentiras sobre atrocidades: no outono de 1946 apareceu, em uma das quintas de verduras do Campo, um oficial do CIC norte-americano, acompanhado de um polonês com ar de importância.

Este último indicou um lugar no qual, segundo ele, deveria ter enterrado, junto com outros prisioneiros da época, as cinzas de mais de 600 ocupantes do KZ assassinados, circunstância em que secretamente também teria enterrado uma garrafa com a lista completa dos nomes das vítimas. Nas extensas escavações realizadas posteriormente, nada se encontrou, nem das cinzas (que teriam sido aproximadamente 1350 kg)

nem da garrafa. No entanto, o tristemente célebre secretário de Estado judeu-bávaro Philipp Auerbach — mais tarde condenado por falsificação de documentos e outros delitos administrativos, e que se suicidou na prisão — afirmou na imprensa que somente na quinta de verduras do Campo de Dachau haviam sido massacrados diariamente mais de 1500 judeus.

Em maio/junho de 1945, de repente, comandos de trabalho alemães sob direção norte-americana tiveram que destruir os ricos e bem cuidados jardins ornamentais do Campo e realizar outras depredações, a fim de, através do filme “documental” *Todesmühlen*¹⁴ ali rodado, simular atrocidades alemãs, que, por sua vez, constituíram a base tanto para a condenação individual quanto coletiva dos alemães. Até hoje perdura essa difamação maligna. De que espécie, pois, são essas acusações discriminatórias?

Iº) Informa-se sobre uma câmara de extermínio por gás, na qual os “Judeus” — a bem da verdade, fala-se unicamente em “judeus” — teriam sido exterminados por gás. Na realidade, porém, em Dachau nunca houve uma câmara de extermínio por gás. O que existiu foi apenas uma câmara de despiolamento, que precisou ser construída durante a guerra porque os ocupantes que chegavam frequentemente estavam tão infestados de piolhos que constituíam um perigo para todo o Campo. Do esquema da pág. 52, pode-se deduzir a localização e a natureza dessa câmara de despiolamento. Os internos se despiam nos locais 9 e 10, onde eram submetidos a um exame médico, para depois tomar banho na sala de duchas (Nº 11), sendo em seguida providos, na sala de vestir (Nº 12), de roupas íntimas e vestimentas limpas provenientes do estoque do Campo, abandonando então a instalação de despiolamento. Sua roupa velha e roupa íntima eram, nesse meio tempo, despioladas e desinfetadas nas celas da câmara de despiolamento (Nº 8). Essas salas continham, portanto, como em todas as instalações militares de despiolamento que realizavam o despiolamento segundo esse sistema de gaseificação, um preservador de tecidos, em vez de utilizar vapor d’água ou aquecimento a seco, no meio do teto um trilho do qual se penduravam cabides de ferro com as peças de roupa que seriam despioladas. Ainda no outono de 1946, uma quantidade

14 Moinhos da morte (N. do T.)

desses cabides pendia na última dessas câmaras de despiolamento. Correspondente à finalidade desta parte do edifício, encontra-se ainda hoje no porão a instalação de caldeiras para a produção de água quente para o sistema de chuveiros.

Após a guerra, por ordem dos norte-americanos, os azulejos da sala de vestir foram retirados e colocados na sala de chuveiros, sobre os azulejos já existentes ali. Em seguida, o teto dessa sala de chuveiros foi rebaixado até a altura dos azulejos, instalando-se nele funis cônicos de lata, que, aliás, terminavam em ponto cego. Agora se afirmava que, por meio desses funis, os alemães teriam tentado simular uma sala de chuveiros, enquanto que, na realidade, o gás entrava por aberturas laterais. Mas é que ainda hoje existem seis ralos no piso desse local, e, para completar, há aquecimento! Além disso, o concreto do teto recentemente rebaixado, o concreto que na sala de vestir foi colocado no lugar dos azulejos, assim como o concreto da “laje da forca”, apresentam a mesma estrutura. Ficou comprovado que tudo provinha da época da construção, maio/junho de 1945.¹⁵

IIº) No núcleo da campanha de atrocidades encontra-se o crematório. Existiam em Dachau duas instalações de cremação para a incineração de cadáveres, uma antiga (esquema, Nº 6), composta por dois fornos, e uma nova (esquema, Nº 13), composta por quatro fornos. A antiga foi colocada em funcionamento em 1941-42, quando se tornou necessária devido a uma epidemia inicial. Os mortos então já não eram sepultados no cemitério do Campo, mas suas cinzas podiam ser entregues aos parentes que assim o desejassem. A instalação consta de dois pequenos fornos, cada um com aproximadamente 2,5 m de comprimento e 1 m de largura, sendo muito mais primitiva do que qualquer instalação de cremação em cidades atuais. A nova instalação de fornos, por outro lado, ainda não estava concluída quando os norte-americanos ocuparam o Campo. O que segue prova isso: os ferrolhos das portas dos fornos não apresentavam vestígio algum de desgaste, os tijolos de argila refratária ainda estavam completamente intactos e jamais haviam sido expostos às altas temperaturas de mais de 1200 °C, que são produzidas em fornos desse tipo, e também a chaminé,

15 Quer dizer, depois da queda do Terceiro Reich! (N. do T.)

que deveria receber os gases produzidos pela queima do coque, não apresentava na boca o menor escurecimento! Além disso, ainda se encontravam no porão, igualmente inacabados, cal, areia e tijolos. Ora, nas instalações, após a ocupação norte-americana, pôde-se ler em uma placa que “Este lugar está consagrado aos 238.000 seres humanos que aqui foram queimados” (esquema, Nº 5). Para se chegar a esse número absurdo, inventado e propagado pelo secretário de Estado judeu-bávaro Auerbach, teria sido necessário, considerando que, conforme ficou provado, somente estavam em operação os dois fornos antigos, que a cada 10 minutos em cada um dos fornos fosse queimado um cadáver, ou seja, que a cada cinco minutos um ser humano tivesse que ser morto em Dachau, presumindo-se que ambos os fornos funcionassem 24 horas por dia e noite (exceto aos domingos) durante três anos, sem reparos, manutenção ou substituição de peças — o que, tratando-se de tais temperaturas, é completamente impossível! A cremação do cadáver de um adulto, no entanto, requer aproximadamente 1 hora, e não apenas 10 minutos! ! ! Esta reflexão já demonstra o quão absurdas são as mentiras judaicas sobre atrocidades. De passagem, mencionemos que: as supostas cremações teriam produzido 535.500 kg de cinzas de cadáveres, ou seja, 27 vagões de carga de 20 toneladas cada. Onde foi parar essa quantidade de cinzas? E também os internos que, ainda em 1946, agora sob outra administração, continuavam sua vida no KZ há anos, não souberam relatar nada sobre tais assassinatos a cada 5 minutos: nem os dois judeus que haviam chegado a Dachau em 1943 e que ainda, no outono de 1946, dirigiam, agora como funcionários norte-americanos, a “electro-shop”, nem os três poloneses que agora dirigiam a padaria e que igualmente haviam trabalhado ali muito antes de 1945, souberam relatar algo sobre assassinatos em massa de ocupantes!

IIIº) Entre as duas instalações de cremação pode-se ver uma chamada placa da forca (esquema, Nº 7), sobre a qual se afirmava que havia sido erguida a forca, na qual os alemães enforcavam “os judeus”. Como já foi mencionado acima, esta placa só foi construída em maio/junho de 1945. Acresce que os dois buracos nos quais supostamente teriam ficado os postes da forca estão em perfeito estado de conservação e não apresentam deteriorações, arranhões nem partículas de madeira aderidas.

Consequentemente, os supostos postes da força não poderiam ter sido fixados com cimento nos buracos, mas, no máximo, introduzidos de forma solta, o que, entretanto, não pode ser admitido devido ao suporte insuficiente que teriam e ao perfeito estado das bordas dos buracos. Além disso: se aqui realmente tivesse sido erguida uma força, por que não a deixaram?

IVº) Supostamente, a cinza dos mortos teria sido colocada nos chamados caixotes de cinza, dos quais há três no jardim.

Revelaram-se como inteiramente inofensivos os caixotes de munição, semelhantes aos que podem ser vistos nos quartéis em todos os Estados. Teria sido, além disso, extremamente imprático transportar a cinza do crematório até ali e, em seguida, dado que os caixotes não têm abertura superior, mas apenas lateral, retirá-la novamente com esforço a pá para seu posterior transporte!

Vº) Uma atração especial de atrocidade seria o posto de tiro na nuca, um posto de tiro de pistola, diante de cujos montículos de terra teriam sido mortos “milhares de judeus” com tiros na nuca. Os montículos, no entanto, mal alcançam a altura do peito, de modo que de forma alguma poderiam ter servido de proteção. Nas árvores ao redor, não se encontra o menor vestígio dos impactos dos milhares de projéteis que deveriam ter zunido em todas as direções no local. Em vez disso, encontra-se — cava-se apenas uma vez! — no interior dos montículos de terra erguidos em maio/junho de 1945 uma massa de latas vazias de conservas norte-americanas!

VIº) Em um lado do jardim, diz-se que estava localizado o posto de fuzilamento, no qual igualmente teriam sido fuzilados “milhares de judeus”. Se realmente seres humanos tivessem sido fuzilados ali, a parede que se encontra a apenas 2 metros atrás deveria estar completamente destruída e atravessada pelos disparos. Nem a parede nem os arredores mais próximos mostram o menor vestígio de projéteis.

VIIº) Para tornar ainda mais horivelmente evidente a abjeção dos alemães, é mostrado um chamado fosso de sangue, que corre paralelo à cerca de buxo do caminho e ao longo do posto de fuzilamento, com 30 cm

de largura e coberto com pequenas grades de ripas. Neste fosso teria corrido o sangue dos “milhares de judeus fuzilados”. Como, na morte por fuzilamento, a atividade cardíaca do ser humano se interrompe imediatamente e, portanto, praticamente não ocorre perda de sangue, essa mentira não poderia se sustentar por muito tempo, passando-se então a afirmar que as vítimas teriam de se ajoelhar diante dessas grades de ripas para receber o tiro na nuca. No entanto, nem as grades de madeira nem o próprio fosso mostram sequer o menor vestígio de sangue ou de projéteis. E quão deslocadas e quebradas essas finas ripas deveriam estar diante das milhares de vítimas que caíam sobre elas! Além de tudo isso, havia ainda o problema do transporte: os cadáveres, que (como todo soldado de frente sabe) não são nada fáceis de transportar, teriam de ser passados por cima da cerca de buxo e levados até o galpão dos fornos, bastante distante!

VIIIº) Com o nome sugestivo de “Hängetanne”¹⁶ designava-se um abeto cuja ramificação mais baixa se separava quase horizontalmente do tronco. Nessa rama, os pobres judeus teriam sido enforcados em massa. Infelizmente, veio-se a saber que em maio/junho de 1945 prisioneiros de guerra alemães tiveram de trabalhar a casca dessa rama com cordas a fim de simular um desgaste por fricção devido aos supostos enforcamentos em massa. Quando mais tarde o abeto secou, o secretário de Estado judeu-bávaro Auerbach escreveu que ele pereceu de vergonha pelos crimes cometidos em suas ramas pelos alemães contra os judeus!

IXº) Prosseguindo com suas patranhas, finalmente os falsificadores fizeram abrir uma larga brecha na parede que separa a área do crematório do canil vizinho para os cães de guarda. Depois afirmou-se que os cães de guarda, que aqui eram mantidos e que – como em todas as penitenciárias do mundo – acompanhavam os comandos de trabalho nas tarefas fora do campo para impedir tentativas de fuga, haviam sido feitos olhar através dessa brecha para os lugares de massacre, a fim de se embriagarem com a visão do sangue que corria ao se assassinar os judeus, e dessa forma se tornarem especialmente ferozes!

16 Abeto de ramos pendentes. A expressão significa aqui "abeto-forca" (N. do T.)

Xº) No centro do jardim encontra-se uma estátua de bronze, que representa um internado emagrecido do Campo. De fato, um Campo de Concentração não é um centro hospitalar; de qualquer forma, foi comprovado oficialmente que cada internado recebia diariamente alimentos que totalizavam 1675 calorias (enquanto que o povo alemão, depois da guerra, sobretudo no início de 1948, recebia diariamente apenas 825 calorias, e na zona de ocupação francesa até apenas 805 calorias). Além disso, para os internados que trabalhavam – e estes eram a maioria – eram distribuídos alimentos adicionais correspondentes. Por exemplo, os 50 internados que prestavam serviço na Escola de Guerra SS Bad Tölz recebiam, por 48 horas semanais de trabalho, a mesma alimentação que os alunos da Escola, que realizavam um serviço consideravelmente mais longo e que exigia maior esforço. Que não passavam fome também fica demonstrado pelas estrondosas reclamações que podiam ser ouvidas em 1946 daqueles presos que estiveram no Campo tanto na época alemã quanto na norte-americana. – Tão má comida quanto com os Aliados¹⁷ nunca houve com Hitler! Também o demonstram os rostos bem nutridos dos presos quando os norte-americanos ocuparam o Campo. Assim, esta estátua, juntamente com aqueles dois monumentos fúnebres à esquerda e à direita dos chamados postos de fusilamento — um para os supostamente massacrados judeus, adornado com a estrela de Davi, e o outro (claramente separado deste) para os supostamente assassinados gojim, decorado com uma cruz — não servem a outro propósito senão incitar o ódio, cimentar as mentiras sobre atrocidades e justificar a política de Morgenthau e os tributos de milhares de milhões.

XIº) Durante as ações contra os alemães, foi formulada a acusação de que haviam deixado morrer de fome prisioneiros dentro de um trem de ferrovia. A realidade dos fatos é outra: ao se aproximarem, no final de abril de 1945, as tropas dos EUA de Dachau, os ocupantes foram levados, em marcha ordenada, a novas acomodações previstas para o sul. O restante do corpo de guarda alemão do Campo, surpreendido ainda no local, combateu e caiu até o último homem. Evidentemente, cheios de fúria por essa resistência fanática, os norte-americanos abateram a tiros o médico diretor

17 Soldado norte-americano (N. do T.)

do hospital do Campo, que queria entregar-lhes o hospital, na porta do edifício, e assassinaram em seguida todos os membros da SS que encontraram no hospital, assim como outros auxiliares sanitários, enfermeiras e pacientes. Os habitantes de Dachau chamaram a atenção dos norte-americanos, no dia de sua chegada, sobre a circunstância de que, do lado de fora, acabara de chegar um trem ferroviário cujos vagões fechados continham reclusos de outros campos e que havia sido abandonado pelo corpo de guarda. Em decorrência disso, os habitantes foram proibidos pelos norte-americanos de aproximar-se do trem e fornecer água ou mantimentos aos ocupantes. Somente após oito dias os norte-americanos abriram o trem e encontraram os ocupantes, em sua maioria, mortos. Então afirmaram que os alemães os haviam deixado morrer de fome!

Desde o fim das ações de guerra se passaram nove anos. A guerra contra o povo alemão ainda não foi encerrada. Cânticos de ódio, como os dos 6 milhões de judeus assassinados, e mentiras sobre atrocidades, como as de Dachau, contribuíram decisivamente para isso. E por que o governo estadual da Baviera, como seria de se esperar, até agora não realizou nenhuma investigação minuciosa e especializada, sob a direção de uma comissão de criminalistas reconhecidos internacionalmente e politicamente neutros, a fim de eliminar as provocadoras e humilhantes falsificações do ódio judeu contra nosso povo? Por que preferiu designar o Philipp Auerbach como procurador-geral e secretário de Estado da Baviera para os “perseguidos políticos, religiosos e raciais”, dando-lhe mão livre na fabricação das atrocidades de Dachau? Por que defendeu um ministro da Justiça que se vangloriava ele mesmo da traição à pátria cometida durante a guerra, que fora um ex-candidato à morte, que já esteve sob a forca, e que recebeu o dinheiro do cúmplice de Auerbach, o rabino provincial Ohrenstein, e que só sob a mais forte pressão da opinião pública foi induzido a apresentar a renúncia pelo presidente do conselho de ministros Ehard? Por que prefere manter um ministro do Interior que, durante a guerra, juntamente com Josef Wirth e Otto Braun, desde a Suíça promoveu intrigas de alta traição, e que, como representante do governo alemão, presenciou com prazer o assassinato das 13 vítimas alemãs do processo de Nuremberg e, ao ver o cadáver de Goering, exclamou: “O canalha! Mesmo

morto deveria ser enforcado!” — Por isso o governo estadual da Baviera, ao não cumprir seus deveres, não pôde fazer nada para esclarecer essa indigna mentira sobre atrocidades. E por isso foi necessário fazê-lo aqui.

Não é que, invertendo os sinais, queiramos fazer aquilo que nossos adversários tentam nos imputar. Não somos desavergonhados o suficiente — e tampouco o teríamos sido em caso de nossa vitória — para afirmar: “Somente nós não temos mácula; toda mácula recai apenas sobre os outros!” Temos plena consciência de onde também nós erramos, e não tentamos encobrir isso. Sabemos também muito bem que os corpos de guarda e os comandos penais, em qualquer parte do mundo onde prestem serviço, geralmente não estão entre as pessoas mais sensíveis e impressionáveis de um povo, e que entre eles podem ocorrer excessos e ilegalidades.

Mas não estamos dispostos a tolerar que, por causa de delitos isolados — que estamos sempre dispostos a condenar — se construa uma culpa coletiva de nosso povo; que, por meio de mentiras sobre atrocidades e de cânticos de ódio de loucos furiosos e assassinos sedentos de vingança, os alemães sejam privados de sua honra, de sua liberdade e de seus bens; que, mediante falsificações vis, sejam entregues ao carrasco; que, por silêncio covarde e por um indigno complexo de culpa, o nome e a dignidade de todo um povo, ou ao menos de uma geração inteira, sejam cobertos de opróbrios e injúrias; que, por uma ação de propaganda maliciosa e inescrupulosa, nosso povo seja estigmatizado diante do mundo como um símbolo desprezível de abjeção repugnante e desumana.

Se com alguma pessoa foi cometida uma injustiça, estamos dispostos a reconhecê-la, desde que isso seja demonstrado com a devida documentação; porém, se o judaísmo mundial, embriagado pelo triunfo, imagina poder cuspir no rosto de todos os alemães o seu desprezo carregado de ódio, no delírio de uma vitória final que acredita próxima, então deve saber que hoje poderá golpear, mas que amanhã apenas golpeará a si mesmo e que, depois de amanhã, sucumbirá às consequências de seu ódio inexaurível.

Como alemães, porém, exigimos, em nome de nossa honra e dignidade nacional: fora com o infame museu de mentiras de atrocidades de Dachau!

DEMONSTRAÇÃO DE QUE A ACUSAÇÃO JUDAICA DE QUE HITLER GASIFICOU 6 MILHÕES DE JUDEUS É UMA GRANDE MENTIRA

Desde 1945, o mundo não judeu tem sido continuamente agitado, pela imprensa universal, dia após dia, com a divulgação de que, durante a Segunda Guerra Mundial, 6.000.000 de judeus foram gasificados sob o regime hitleriano. Em memória desses 6.000.000 de judeus “mortos”, foram erguidos até mausoléus. É claro que o judaísmo mundial precisa fazer a maior reivindicação possível em favor desses seis milhões de judeus. Vamos, pois, desta vez, enfocar essa questão de outro modo.

Em 1938, havia no mundo 15.688.259 judeus, segundo consta no Anuário Mundial de 1947 (“World Almanac”). Esse número foi fornecido ao referido “World Almanac” pela Comissão judaico-americana (American Jewish Committee), assim como pelo Escritório de Estatística das Sinagogas (“Jewish Statistical Bureau of the Synagogues of America”).

Em 1948, existiam no mundo entre 15.600.000 e 18.700.000 judeus, segundo um artigo publicado no “New York Times” em 22 de fevereiro de 1948, assinado por Mr. Hanson W. Baldwin, reconhecido especialista e de imparcialidade comprovada em todas as questões demográficas, personalidade que, mesmo recorrendo à maior fantasia, não poderia ser considerada antisemita. Além disso, seu chefe, Arthur Sulzberger, proprietário do “New York Times” e judeu ele próprio, é conhecido como um amigo incondicional da Grã-Bretanha. Tomando, portanto, como certa a avaliação mais alta de Mr. Baldwin, ou seja, 18.700.000 judeus, resultaria que, nos dez anos que se passaram de 1938 a 1948, período que inclui os anos de guerra de 1939 a 1945, durante os quais se afirma que Hitler matou seis milhões de judeus, a população judaica mundial teria aumentado em mais de 3.000.000. Se, para fins de verificação, supusermos que Hitler, de fato, matou 6.000.000 de judeus, nos encontraríamos com um aumento real da cifra demográfica de 9.000.000. Ou seja, um acréscimo de 3.000.000, mais outros 6.000.000 de nascimentos, para repor os 6.000.000 de judeus supostamente gasificados sob o regime hitleriano.

Levando em conta que atualmente existem no mundo apenas 18.000.000 de judeus, isso implicaria um aumento de 9.000.000 de judeus durante os dez anos de 1938 a 1948, ou seja, um crescimento total (em apenas dez anos) de 50%, algo impossível mesmo para uma raça sexualmente tão desenfreada quanto a judaica. Mesmo que todo judeu fisicamente apto se dedicasse exclusivamente, dia após dia, durante 24 horas, nos anos de 1938 a 1948, à procriação com cada uma das mulheres de sua raça em plena puberdade, o fato de terem conseguido gerar 9.000.000 de judeus em dez anos estaria absolutamente em conflito com as leis da ciência eugênica.

Nada de estranho, portanto, que Allen Lesser, também judeu, se visse obrigado a admitir, em um artigo intitulado “Histeria Antidifamatória”, publicado na edição de primavera de 1946 da revista “Menorah Journal”, que “segundo divulgado durante os anos de guerra pelas agências de imprensa judaicas, o número de judeus mortos em toda a Europa chega a vários milhões a mais do que os próprios nazistas jamais souberam que tivessem existido”.

Ou, em outros termos: toda essa história dos 6.000.000 de judeus gasificados é uma farsa completa.

ANTOINE F. ALBINA (Publicado por Einar Aberg, Norrviken, Suécia, ano 1959)'00.